

O hábito da fé na perspectiva de Santo Tomás de Aquino

The habit of faith in the perspective of St. Thomas Aquinas

Ivanaldo Santos¹

Lael Rubem Silva Rodrigues²

Abstract: The aim of this study is to analyze the gift of the Faith from the thought of St. Thomas Aquinas. For him, the Faith is a gift from God in the implicit way, but requires the explicit answer of the man so that the Faith is the means for trust and hope to the human life. The Faith connected with the others theological virtue, assure the ultimate goal of man. Lastly, it is stated that the Faith that works through charity achieves one perfect Christian dimention, as well as Jesus Christ who suffered on the cross in sacrifice for humanity. The faith in the path of perfection of man has a portion of the charity of Christ.

Keywords: Act of faith. Thomas Aquinas. Ascent. Habit. Virtue.

Resumo: O objetivo do presente estudo é analisar o dom da fé a partir do pensamento de Santo Tomás de Aquino. Para ele a fé é um dom de Deus de maneira implícita, mas pressupõe a resposta explícita do homem de forma que a fé seja veículo de confiança e esperança para o sentido da vida humana. A fé, unida às demais virtudes teológicas, garante a realização do fim último do homem. Por fim, afirma-se que A fé que opera pela caridade, atinge uma dimensão de perfeição cristã, tal qual Jesus Cristo, que padeceu na cruz em oblação pela humanidade. A fé em via de perfeição do homem, neste sentido, possui uma parcela da caridade de Cristo.

Palavras Chave: Ato de fé. Tomás de Aquino. Ascese. Hábito. Virtude.

Introdução

A procura de sentido, o questionamento acerca do que move o homem para todos os dias levantar e manter suas práticas cotidianas com ânimo é algo importante, de imenso tamanho e labor no âmbito filosófico e teológico. Uma segura possibilidade de resposta é a fé. Para o Apóstolo Paulo a fé se trata do “firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11, 1) e que, desse modo, a fé “*não vem de vós, é dom de Deus*” (Ef 2, 8).

A fé, seja um dom ou resposta, sendo uma virtude, é certamente um elemento

¹ Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, pós-doutorado em linguística pela PUC-SP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Heitor Sales (FHS) e graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: laelrubem@gmail.com.

que dinamiza nossa vida cotidiana do *estímulo* cotidiano. Numa perspectiva tomasiana, fé é o “primeiro bem necessário para o cristão. Sem a fé ninguém pode ser chamado de fiel cristão”.³ Dentro do contexto das virtudes chamadas *teológicas*, fazem parte juntamente da “fé, a esperança e a caridade” (I Cor 13, 13).

As virtudes teológicas estão intimamente ligadas, mas com relação à virtude da fé, é possível visualizar elementos de resposta para alguns questionamentos interiores que angustiam o homem. Na contemporaneidade, sobre a fé, Josef Pieper considera que “na verdade, porém, o que sempre se tem dito na grande tradição do pensamento cristão é: ‘Aquele que crê aceita o depoimento de alguém’ e a ‘fé dirige-se sempre a uma pessoa’”.⁴ Nesse sentido, o ato de crer, conta com um conhecimento prévio, porque, a partir disto, esta fé depositada assume uma característica de confiança.

A confiança gerada pela fé na qual se deposita a esperança do homem é o desenvolvimento, a resposta do Dom; porque a esperança também é confiança nas coisas que estão por vir, à vida plena. A caridade também é confiança, pois o amor, enquanto *ágape*, entrega-se sem compensações ao outro. Nesse sentido, a fé se desenvolve por meio de uma relação de confiança entre o sujeito e Deus.

A resposta a esta fé que é Dom pré-existente ao homem (como uma virtude infusa), faz com que seja transformada em virtude. Virtude em seu conceito clássico nada mais é do que a prática dos dons, prática que dinamiza o dom interior para fora, em benefício do próximo. Ora, o exercício de um *ato bom*, não pode ter outro foco que não seja o outro, revelando a dimensão interpessoal do ato bom da fé, isto é, a sua exteriorização. João atribui esse caráter exterior da fé à sua dimensão mais essencial, afirmando que a fé madura é alteridade, porque “Deus é amor” (I Jo 4, 8) não para si, mas para fora de si, ou seja, para a humanidade, para o ser humano.

Todavia, a fé também possui uma dimensão interior, pessoal e individual. Quando a palavra *amém* é proferida, não é toda pessoa que entende, ou é capaz de abarcar a riqueza de seu significado. Na origem hebraica dessa palavra, como expressa o *Catecismo da Igreja Católica*,⁵ se refere ao reconhecimento sólido na fidelidade divina e a confiança que desde o íntimo do ser é depositada em seu projeto de salvação. O profeta Isaias fala em “Deus da Verdade”, mas literalmente equivale a “Deus do amém” (Is 65, 16).

Portanto, de certo modo parece que a categoria de profundidade expressa pela linguagem – como no caso da palavra *amém* – e o uso do termo nem sempre abarca sua totalidade, mas, de outro modo, com o contato com as palavras e seu uso a relevância e o significado tomam propriedade; “pois a linguagem - a linguagem viva, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias - encerra em si, informações muito mais profundas e precisas do que o que nós comumente sabemos, do que

³ AQUINO, Tomás de. *Exposição sobre o Credo*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1997, p. 17.

⁴ PIEPER, Josef. *Crer, esperar e amar*. Trad. L. Jean Lauand. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>. Acesso em 31 de maio de 2012.

⁵ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1062-1063.

pensamos que sabemos; se bem que, a rigor, sim o sabemos”.⁶

O objetivo desse estudo não é realizar uma análise profunda sobre a dimensão do dom da fé. Algo que, em tese é deveras quase impossível, devido a sua complexidade. Objetiva-se algo mais pontual, mas também profundo, ou seja, analisar o dom da fé a partir do pensamento de Tomás de Aquino. Justamente São Tomás que o *Código de Direito Canônico* recomenda que o fiel cristão deve ter como mestre para poder “aprender a penetrar mais profundamente os mistérios da salvação”.⁷ Para alcançar esse objetivo o estudo foi dividido em três partes sendo elas: 1. Itinerário do ato de fé; 2. O exercício do hábito da fé; 3. Fé: dom e conquista. Por fim, afirma-se que a conquista do dom da fé que parte da interioridade do homem para fora acaba por proporcionar à pessoa um itinerário que além da manifestação externa da virtude, termina em encontrar no outro seu cumprimento pleno. A fé que opera pela caridade, atinge uma dimensão de perfeição cristã, tal qual Jesus Cristo, que padeceu na cruz em oblação pela humanidade. A fé em via de perfeição do homem, neste sentido, possui uma parcela da caridade de Cristo.

1. Itinerário do ato de fé

De maneira habitual, quando alguém pergunta sobre a fé, “em que você crê?” Ou “você acredita nisto?”, o pano de fundo desta indagação é certamente mais do que empírico. Uma reposta requerente de uma reflexão que parte da essência do ser. Desde a filosofia grega, com os pré-socráticos, que depositavam a sua confiança, a maestria da organização cósmica nos elementos naturais, Tales de Mileto com o devir, Platão na crença no mundo das ideias, Aristóteles com a crença em um motor imóvel, os pensadores cristãos na crença em um Deus criador e ordenador do cosmo, dentre tantos outros pensamentos que de diversas maneiras e vertentes são difundidos.

A fé, antes de mais nada, é uma virtude. Nesse contexto, a “virtude humana é aquela pela qual o ato humano torna-se bom”,⁸ e antes, Santo Tomás afirma que o homem é justificado pelas virtudes, pois através delas – particularmente, conforme Aristóteles,⁹ a justiça – temos a paz (Rm 5, 1).

A fé é o depósito de confiança, por assim dizer, que o indivíduo coloca em algo ou alguém, a ponto de centralizar lá sua existência. Santo Agostinho fala daquela como uma *submissão amorosa*, como um *itinerário da fé*. Santo Tomás de Aquino, utilizando como base a passagem bíblica da Carta aos Hebreus (11, 1) – onde está escrito que a fé é “o fundamento das coisas que se esperam” –, esboça uma definição de fé como um hábito intelectual, no qual se inicia a vida eterna, dado que por este meio o intelecto absorve as coisas que não são inevidentes.¹⁰

⁶ PIEPER, Josef. *Crer, esperar e amar*. op., cit, 2012.

⁷ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, *Cân.* 252, § 3.

⁸ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 4, a. 5, rep.

⁹ Cf. ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. C. 1: 1130, a. 9.

¹⁰ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 4, a. 1.

Na definição tomasiana de fé, o sentido gira em torno e tem seu fundamento e realização em Deus, que atua como mediação e motor para dar propriedade ao caráter testemunhal da pessoa em seu favor e da vivência do seu projeto. Como ele fala enquanto qualquer hábito do intelecto contém estas duas coisas – o que é materialmente conhecido e aquilo pelo qual o objeto é conhecido – acontece com a fé, que “não dá seu assentimento a alguma coisa a não ser que seja revelado por Deus; daí se conclui que ela se apoia na verdade divina como meio” e “se, porém considerarmos materialmente os objetos aos quais a fé adere, eles incluem não só o próprio Deus, mas também muitas outras coisas”,¹¹ como, por exemplo, os objetos de devoção popular, que compreendem um “depósito da fé”,¹² mas ao mesmo tempo são orientados à Deus. Todavia, estas coisas que devem estar sob orientação de Deus, são postas, para diversas atividades, dentro do cotidiano humano.

Ele propõe uma fé como um objeto formal que possui um meio material para que por meio deste o homem possa atingir sua maior meta, ou seja, Deus. Uma fé formal é fruto do intelecto e da vontade, e através do intelecto o homem pode dar seu assentimento à verdade, o contrário de uma fé informal, que não é virtude, haja vista que não sofre influência da vontade.¹³ Tal problema já fora tratado por Santo Agostinho, que distinguiu: *fides quae creditur* como o conteúdo da fé: o Deus revelado como centro da fé; e *fides qua creditur* como o meio ou o motivo pelo qual se crê no Deus revelado. Por isso, “a fé implica o assentimento do intelecto àquilo em que se crê”.¹⁴

Ao tratar de *assenso*, o ato de fé se aprofunda e abarca a dimensão da vontade que rege a dinâmica da fé na pessoa, através da livre resposta de adesão ao objeto da fé e seu meio material, pois sendo um ato do intelecto, este movido pela vontade que é essencialmente uma inclinação da graça divina.

Existe, nesse sentido, uma fé inerente ao ser do homem. Ela, já em sua quiddidade como uma fé infusa de que se trata, é ação “produzida por Deus em nós, sem nós”,¹⁵ como considera Santo Tomás de Aquino. Essa fé – assenso natural – é inerente ao ser humano porque o acompanha desde a infusão da alma como um conjunto de dons (acrescentando-se, nesse sentido, o dom da esperança e da caridade). Assim, a causa desse *desejo natural*¹⁶ da fé, é fruto e oferta da graça divina. Em parâmetros ontológicos esta influência da graça divina sobre a vontade e o intelecto se dá na essência do homem, como *dom* de Deus. Cornélio Fabro, trabalhando nessa dimensão metafísica do sujeito, e recapitula de Santo Tomás que nesse indivíduo – ato e potência – existe uma relação com graça dentro de uma pré-disposição para essa graça que se deve à existência de um ato já manifesto e imutável na essência do ente:

¹¹ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 1, a. 1, rep.

¹² CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, *CÁN.* 747, § 1.

¹³ Cf. AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 4, a. 5.

¹⁴ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q.1, a.4, rep.

¹⁵ AQUINO, Tomás de. *S. Th. I-II*, p. 101.

¹⁶ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 12, a. 1.

*actus essendi*¹⁷; isto é, o ato do ser, a ação infusa de Deus, Ato Puro, que faz com que todo o ser do homem contenha em seu *ôntos* constantemente graça divina, ou ao menos uma predisposição a ela.

Todavia, esta fé infusa, sendo desejo natural do homem não tem relação com a sua vontade, pois é algo *instintivo*. É necessário um exercício de (re) conhecimento e assentimento a esta fé para que haja fiabilidade em seu exercício. Aderindo a fé, o homem encontra conscientemente realização pessoal em ato e, posteriormente, um amadurecimento espiritual, pois o objeto da fé torna-se uma constante na sua vida, ora mais perto, ora mais distante, porém provocando um desejo interno no homem de estar perto do caminho da fé.

2. O exercício do hábito da fé

Numa perspectiva filosófica o termo *hábito* remete ao termo *ascese*, de uso próprio no campo da espiritualidade e da moral. A palavra *ascese* “começou a ser aplicada à vida moral na medida em que a realização da virtude implica limitação dos desejos e renúncia”.¹⁸ A etimologia da palavra *ascese*¹⁹ remete ao exercício prático, atividade ginástica de atletas, hábito. Todavia, é comum o uso desse termo na esfera religiosa, na qual seu significado é envolvido numa mística. E, a partir daí a *ascese* é vista como o exercício para aquisição de *bom hábito*, da virtude e da perfeição.

O método a que se propõe a *ascese* é mais bem entendido como superação de vícios, através de atitudes que levam a mortificação da vontade em prol da perfeição.²⁰ Na perspectiva aristotélico-tomista, a *ascese* é o exercício a qual uma pessoa se submete a fim de, através de sacrifícios, controlar as paixões.

Na obra de Santo Tomás, destaca-se a *habitus* como um modo de *ascese*, haja visto que um dos comentadores da *Suma Teológica*, Albert Plé, afirma já em uma introdução:

Os *habitus* não são efêmeros por si, mas duráveis [...]. Eles qualificam aquele que os possui mediante uma boa harmonização entre seu possuído e o que ele possui. Ele lhe “cai bem”, como uma roupa (*habitus*, hábito, vestimenta) que seria “sob medida” e não “comprada pronta”.²¹

¹⁷ Cf. SILVEIRA, Carlos Frederico Gurgel Calvet. Cornélio Fabro, interprete de Santo Tomás. In: *Aquinate*, Revista de Estudos Tomistas, Niterói, n. 3, 2006, p. 1-14.

¹⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 83.

¹⁹ Do grego *ἀσκησις*, *-εως* (*askēsis*, *eōs*), ou *ἀσκέω* (*askéō*), que é o termo comumente empregado aos exercícios que os atletas se dispõem para a disciplina e o condicionamento corporal.

²⁰ Cf. FAITANIN, Paulo. *A ascética tomista*. Disponível em: http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1381:a-ascetica-tomista&catid=115:tomismo. Acesso em: 25 março 2012.

²¹ AQUINO, Tomás de. *S. Th. I-II*. 2010, p. 35.

Noutro sentido, entende-se por *habitus*, um bem ético adquirido com os efeitos do passar do tempo, que o homem adquire por esforço próprio em benefício de seu aperfeiçoamento. Através do exercício cotidiano constante das atividades – na maioria das vezes indesejadas – necessárias à sobrevivência nasce o *habitus*, ou *ascese* quando se trata de auto superação, seja corporal ou espiritual.

O hábito que aqui se fala, é esclarecido por Aristóteles, quando ressalta que o “ato [realizado conforme a virtude] tem que brotar de uma disposição de caráter estável e permanente”,²² afirmando que o ato deve possuir um *habitus*, para que seja realmente uma disposição firme e estável. Assim, o indivíduo que usufrui da ascese como *ascensão* tem a garantia de um hábito duradouro, segundo a pré-disposição para o bem, já tratado por Aristóteles.

De outra forma se explica o procedimento da aquisição do *habitus* conforme a ascese, perceptível em Comte-Sponville quando enfatiza: “Dizer ‘por favor’ ou ‘desculpe’ é simular respeito; dizer ‘obrigado’ é simular reconhecimento”.²³ E a partir da simulação de um ato bom, esse ato transforma-se em hábito, e esse exercício de sempre praticar tal ato, é o que faz com que haja superação, isto é, ascese.

Esse instrumento tão valoroso que é a ascese, na contemporaneidade, encontra-se adormecido em meio à modernidade que preza pela facilidade, praticidade e comodidade da vida cotidiana. A ascese não é preterida a tantos fatores dominantes no mundo contemporâneo, que aparentemente é pensada como uma impossibilidade, ou até mesmo loucura.

De modo ilustrativo para isto, se pode utilizar um dado rotineiro que reflete esta problemática do *habitus*. O indivíduo quando assiste TV muda os canais de outra forma senão utilizando o controle remoto? A comodidade do controle remoto impede o exercício de levantar-se e mudar o canal no próprio aparelho. Essa comodidade dominante é corriqueira, porém, mal sabe o homem que aderindo essas mínimas práticas cotidianas, está se auto mutilando e degradando-se a si mesmo, entrando num estado de passividade e sedentarismo, que inclusive é o grande mal dessa época, conforme destaca:

Há algumas semanas, a revista médica britânica “Lancet” publicou um artigo científico mostrando que 5,3 milhões de mortes por ano no mundo estão relacionados ao sedentarismo. Para os pesquisadores, a falta de atividade física diminui a expectativa de vida da mesma forma que o tabagismo e a obesidade. Está no sedentarismo a causa para 10% das doenças não transmissíveis, como diabetes, câncer e problemas cardíacos.²⁴

²² ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*, op., cit, p. 73.

²³ COMTE-SPONVILLE. André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 17.

²⁴ PALHANO, Ruy. Sedentarismo, saúde e doença mental. In: *O Estado*, domingo, 12 de

Quando se fala de atividade física a ascese é perceptível de uma forma indireta, seja por meio do trabalho, estudos e/ou exercícios. Em toda ação laboriosa a ascese está presente. Isso é atestado porque o índice de sedentarismo e da falta de atividade de condicionamento do corpo, responde manifestando-se desde a saúde corporal até na saúde mental. Enquanto que a ascese é um exercício de auto superação – como já foi afirmado – e favorece ao condicionamento físico do indivíduo pela aquisição de um *hábito* que o desenvolve e o aprimora. Também é por meio da ascese no condicionamento físico-psicológico, que o sujeito atinge seu objetivo: a saúde, conforme o psiquiatra Ruy Palhano. Porque aqui poder-se-ia traduzir a prática saudável por um exercício de perfeição ascética. Da mesma forma se dá na dinâmica da fé: exercício de perfeição ascética do homem à Deus, pela vontade com confiança.

3. Fé: dom e conquista

Neste percurso, após uma base filosófica, faz-se mister, um destaque para o conceito teológico do movimento do ato de fé na dinâmica *dom e resposta*, pois na *Exposição sobre o Credo*, Santo Tomás já na introdução elenca quatro bens que a fé produz, sendo o primeiro bem a união da alma com Deus.

A união da alma com Deus através da fé, como já mencionado, acontece primeiramente por via da fé infusa que é inerente à essência do homem; e para esta fé se tornar virtude é necessária a resposta de aceite à Deus, tornando-se assim, uma fé explícita. Desse modo, pelo batismo, o fiel manifesta seu germe de fé infusa para o exterior: “O que crer e for batizado será salvo” (Mc 16, 16). O batismo sem a fé é destituído de valor. Deve-se, portanto, ter por certo que ninguém pode ser aceito por Deus sem a fé”,²⁵ o que implica que o assenso da fé é o reconhecimento de Deus, característica de uma fé explícita. Entretanto, sem deixar de levar em conta que todo homem, pela sua natureza humana, possui uma fé implícita cuja potencialidade é movida pelo desejo natural.

A fé é naturalmente considerada uma virtude do intelecto, regida pela vontade²⁶ tem sua manifestação de resposta e adesão ao seu objeto. Pelo batismo a pessoa é introduzida no itinerário da vida de fé, pois é a manifestação de resposta e compromisso de confiante entrega a Deus de seu destino.

Acredita, por conseguinte na existência de Deus, quem acredita que todas as coisas deste mundo são por Ele governadas, e estão subordinadas à sua Providência. [...]. Não há ninguém tão

agosto de 2012, caderno opinião. Disponível em:
<http://www.blogsoestado.com/ruypalhano/2012/08/12/sedentarismo-saude-e-doenca-mental/>.
Acesso em: 11 de outubro de 2012. 2012, s/p.

²⁵ AQUINO, Tomás de. *Symbolo Apostolorum*.

²⁶ Cf. AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 2, a. 1, sol. 3.

insensato que creia que a natureza não seja governada, que não esteja submetida a uma providência e que não tivesse sido ordenada por alguém, vendo que tudo se processa a seu tempo, com sua ordem.²⁷

O dom da fé que o homem assume para si tendo em vista a vida plena, é um bem moral e, todavia, exige do homem um esforço em exercitar este bem. O primeiro esforço para o exercício da fé, para quem já a possui, é transmitir para os outros, já que a fé em si mesma é um bem.²⁸ “E, portanto, é causa da fé informe o que é causa da fé considerada em si mesma. Essa causa é Deus [...]. Conclui-se, pois, que a fé informe é um dom de Deus”,²⁹ o objeto da fé para o qual converge a realização da vida do homem.

Ademais, o dom da fé gera no homem um anseio de alteridade. Esta dimensão de alteridade, dessa forma, se revela um forte vínculo com as outras virtudes teológicas. “Ao contrário de quem sabe o que crê, não tem que ver só com o fato, com o algo anunciado; ele, além disso – e até principalmente – tem que ver com um alguém, com a pessoa que dá testemunho, que anuncia e na qual ele, que crê, confia”.³⁰

Haja vista a existência de um itinerário da fé, que parte do dom de Deus até a resposta do homem de assenso à fé. Isto é, um caminho que parte de Deus e culmina em Deus novamente. Mas é condição para essa realização final uma atitude de resposta do indivíduo, que se concretiza na confiança no objeto da fé: o próprio Deus. Contudo, no decorrer desse caminho, é preciso o homem fazer o exercício da conquista da fé, isto é, uma ascese.

Assim, não se pode serrar bem, a não ser que o serrador conheça a sua arte e a serra tenha boas condições de serrar. Ora, a disposição para agir bem, nas potências da alma capazes de tender para termos opostos, é o hábito. [...]. Crer é um ato do intelecto, enquanto movido pela vontade para assentir, é um ato que procede do intelecto e da vontade, aos quais é natural aperfeiçoar-se pelo hábito.³¹

A função do hábito, neste sentido, é modelar a fé para que nela haja perfeição na justa medida, nem uma fé exacerbada nem uma incredulidade. O exercício da fé leva o crente à perfeição nas outras virtudes como o próprio Aquinate afirma: “a fé opera pelo amor”.³²

²⁷ AQUINO, Tomás de. *Symbolo Apostolorum*. a. 1.

²⁸ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 153; *S. Th.*, II-II, q. 6, a. 2, rep.

²⁹ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 6, a. 2, rep.

³⁰ PIEPER, Josef. *Crer, esperar e amar*. op., cit, 2012.

³¹ AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 4, a. 2, rep.

³² AQUINO, Tomás de. *S. Th.*, II-II, q. 4, a. 3, s.c.

Por fim, a título de conclusão, afirma-se que a conquista do dom da fé – que parte da interioridade do homem para fora, por via de incitação interior na necessidade de sentido para a existência – acaba por proporcionar à pessoa um itinerário que além da manifestação externa da virtude, termina em encontrar no outro seu cumprimento pleno. A fé que opera pela caridade, atinge uma dimensão de perfeição cristã, tal qual Jesus Cristo, que padeceu na cruz em oblação pela humanidade. A fé em via de perfeição do homem, neste sentido, possui uma parcela da caridade de Cristo.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Exposição sobre o Credo**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica I-II**. Vol. IV. São Paulo: Loyola, 2010.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica II-II**. Vol. V. São Paulo: Loyola, 2011.
- ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. 3 ed. Bauru, SP: Edipro, 2009.
- BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2006.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2008.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FAITANIN, Paulo. **A ascética tomista**. Disponível em: http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1381:a-ascetica-tomista&catid=115:tomismo. Acesso em: 25 de março de 2012.
- PALHANO, Ruy. Sedentarismo, saúde e doença mental. In: **O Estado**, domingo, 12 de agosto de 2012, caderno opinião. Disponível em: <http://www.blogsoestado.com/ruypalhano/2012/08/12/sedentarismo-saude-e-doenca-mental/>. Acesso em: 11 de outubro de 2012.
- PIEPER, Josef. **Crer, esperar e amar**. Trad. L. Jean Lauand. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>. Acesso em 31 de maio de 2012.
- SILVEIRA, Carlos Frederico Gurgel Calvet da. Cornélio Fabro, intérprete de Santo Tomás. In: **Aquinate**, Revista de Estudos Tomistas, Niterói, n. 3, 2006, p. 1-14.